

De
5600. A

CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUESAS

Realizações

E

Possibilidades

*Alocução proferida na «Semana da Junta
Patriótica do Norte» em 25-VI-1931 pela
presidente da C. M. P.*

Ana de Castro Osório

PÓRTO — MCMXXXII
EDIÇÃO DA JUNTA PATRIÓTICA DO NORTE

realizações e possibilidades

ANA DE CASTRO OSÓRIO

Realizações e Possibilidades

Separata da «Adenda ao Memorial Artístico» comemorativo do 15.º aniversário da J. P. N. e 14.º da sua C. F. S. da qual se tiraram 200 exemplares numerados.



realizações e possibilidades

117825

POR

ANA DE CASTRO OSÓRIO

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO
DA CRUZADA DAS MULHERES PORTUGUESAS

*Separata da «Semana da Junta Patriótica do Norte»
— Adenda ao «Memorial Artístico» — comemorativo
do XV da J. P. N. e XIV da sua Casa dos Filhos dos
Soldados.*

AO ILUSTRE PROFESSOR

Dr. Alberto de Aguiar

que tão nobremente tem cumprido
o seu dever de Português na acção
esplêndida da «Junta Patriótica do
Norte», como seu digno Presidente.

À SENHORA

D. Filomena Nogueira de Oliveira

cujo alto espírito e justo coração
souberam realizar a obra de reco-
nhecimento e amor, que é a «Casa
dos Filhos dos Soldados».

Oferece com profunda estima

ANA DE CASTRO OSÓRIO

realizações e possibilidades

Palestra praticada pela autora na sessão de 25-VI-1931 da «Semana da J. P. N.», e dedicada à Cruzada das Mulheres Portuguesas e obras similares de assistência.



O CAMINHO JÁ ESTIRADO DA MINHA VIDA DE LUTA social para a realização do sonho de elevação dêste povo, desta terra, desta raça e desta língua, que é a expressão do nosso pensamento e a certeza do futuro, que deve corresponder ao passado, não realizado nem valorizado completamente por falta de cultura e disciplina interna no Governo da Nação, é êste um dos dias que considero mais úteis e compensadores da minha existência.

A união, ou antes a federação, das duas grandes obras morais que ficaram do esforço e do sacrifício da guerra é a consagração do nosso trabalho e a certeza de que não foi inútil a energia dispendida para as manter, numa luta dia a dia sustentada, em mais de quinze anos.

E porque a «Cruzada das Mulheres Portuguesas» é uma obra que representa a disciplina e a continuidade do pensamento feminino, assim como a «Junta Patriótica do Norte» tem a sua mais bela realização prática na parte que às Senhoras foi entregue, maior é a nossa satisfação, mais justificado o nosso orgulho.

Nêste momento de hesitação social em que as ideias novas irrompem com uma fôrça indisciplinada e irreverente, abrindo ao Mundo novos caminhos para um futuro que mal se pode prever e para a realidade do qual é inútil a defesa, porque não há nem houve nunca fôrças morais nem materiais que se possam opôr aos novos idealismos humanos, e aqueles mesmos que julgam poder opôr às ideias uma barreira invencível de preconceitos e violências regressivas são os que mais ajudam a sua imposição, ou seja pelo combate que gera a resis-

tência, ou adoptando-as, involuntariamente, pela força pressiva e envolvente do tufão que as arrasta, como se fôsem fôlhas e ramos secos das árvores desenraizadas; mais nos compete a nós dizer o que representamos, o que fizemos e o que tencionamos fazer, sem vaidades descabidas nem falsas modéstias, antes com a serenidade que dá a consciência do dever cumprido.

* * *

A obra da Cruzada das Mulheres Portuguesas está escrita nos seus relatórios, no jornal «A Semeadora» que se publicou durante a Guerra e tanta consolação levou aos milhares de soldados inscritos como «Afilhados»; nos boletins mensais que, durante meses, publicamos, nas conferências que realizamos e algumas se imprimiram, como a do heroico combatente, então major Bento Esteves Roma; no arquivo catalogado da correspondência official, provando por tôdas as formas o esforço serêno e contínuo na defesa dos direitos dos nossos protegidos, que são todos os que, por motivo da guerra, directamente sofrem as suas conseqüências; no trabalho realizado para a difficil tarefa de arranjar-lhes colocação, que não tem sido quanto desejavamos na crise actual, mas quanto dentro dela tem sido possível; na história dos órfãos que ficaram sob a nossa protecção moral, apròximadamente 300, dos quais somos as orientadoras e até de alguns somos tutoras legais, uns por não terem família, outros pela sua impossibilidade moral; na mecânica, enfim, duma organização social que sem alarde tem vindo a cumprir o seu dever de disciplina e de ordem dentro da desorganização e desordem que previmos numa sociedade sem preparação para o grande abalo sofrido.

Sob o mais largo aspecto da nossa vida social bastantes foram as obras que desejamos realizar, as quais, sem a compreensão e auxílio alheio, não podiam converter-se nas realizações que teriam sido um bom inicio de vida nova, mantendo-se como aspiração, que um pequeno esforço colectivo poderá tornar a mais bela realidade.

Durante a Guerra, quando começaram a chegar os repatriados, nós que tínhamos dado ao Instituto de Reeducação dos Mutilados de Guerra, localizado na Quinta e Palácio de Arroios, o melhor do nosso esforço e o trabalho inteligente do nosso Delegado Dr. Tovar de Lemos — cujos estudos técnicos ficaram publicados como prova duma obra que mereceu o elogio de tôdas as nações aliadas, que dêle tomaram conhecimento — e o carinhoso esforço das nossas enfermeiras de guerra, por nós dirigidas e habilitadas com os cursos práticos e teóricos que organizou a nossa

REALIZAÇÕES E POSSIBILIDADES

ilustre consócia Dr.^a Sofia Quintino e os médicos especialistas que a esta obra deram o seu concurso; pensamos em criar uma outra casa a que chamaríamos a «Hospedaria dos Repatriados» apresentando à direcção o plano geral. Esta obra, bem recebida pelas nossas consócias, encontrou no homem de Guerra que foi o general Pereira de Eça, assim como no então Ministro da Guerra, general Norton de Matos, o mais entusiástico acolhimento. Se tivéssemos convertido em realidade êste plano que ficou arquivado nos nossos relatórios, teríamos hoje uma instituição representada em duas casas similares, em Lisboa e no Pôrto, o abrigo imediato para todos os que voltassem das nossas colónias como para os que chegassem falhados do sonho invencível e útil da raça, que é a contínua emigração, a nossa maior fôrça expansiva e que tão mal compreendida e aproveitada tem sido pela deficiente obra de administração interna da Nação.

Nós, que nunca vimos na guerra, nem uma obra lírica de sentimentalismo primário, nem uma tragédia fatal, mas sim o início, o empurrão necessário no levantamento das energias latentes para o renascimento desta grande Pátria, que é a nossa, e a marcação do nosso direito de potência colonial a ser considerada entre as primeiras do Mundo, tínhamos em vista, ao fazer êsse plano, que a obra fôsse após a guerra, o necessário organismo, num país colonizador e emigrante, para dirigir e disciplinar a emigração e repatriação e protecção aos nossos expatriados voluntários, dirigindo os seus passos para os sítios onde os podéssemos valorizar, acompanhar, instruir e repatriar, quando necessário fôsse, sem os sofrimentos a que, impotentemente, estamos assistindo agora, na crise em que o Brasil está contrariando a imigração de todo o mundo, não podendo fazer excepção para a nossa, a-pesar-de ser a que mais lhe convém e que será aquela que mais depressa há-de voltar a chamar quando a sua passageira crise económica fôr vencida. Em vez das lamentações e das tristes exhibições que nos magoam e desanimam, deixando à miséria dos seus fracos recursos a vaga inconsciente dos repatriados de hoje, teríamos um organismo vivo e inteligente que velaria pelos falhados da aventura e trataria do seu novo enraizamento à terra. Para esta obra esperavamos o concurso da mulher portuguesa, que, se fôsse educada e culta, podia — e há-de ser — um dos maiores e melhores elementos do resurgimento nacional. Esta obra afigura-se aos nossos olhos indispensável e realizável, acompanhada de um plano de cultura e educação geral influindo sôbre os filhos dos expatriados e das famílias, abrangendo igualmente os filhos e mulheres dos que a lei afasta para longe do convívio social pela inadaptação à vida, como a sociedade a exige, no seu direito de defesa.

S E M A N A D A J U N T A P A T R I Ó T I C A

Auxiliámos com a nossa propaganda e as nossas fracas possibilidades materiais a linda e tão nobre ideia que a alma generosa dum Artista que é Leal da Câmara, apoiado por outro grande Artista que é Teixeira Lopes, concebeu e defendeu, que era a construção duma «Aldeia Portuguesa» na Flandres, onde ficou tanto do nosso generoso sangue, nos mortos que esperam as sepulturas que lhes devemos, nos vivos que lá estão honrando o nome e a raça a que pertencem. De todo o esforço feito ficou somente a ideia limitada às nossas possibilidades da construção do cemitério para os nossos mortos, para o qual foi oferecido o artístico e belo portão ao Governo e ao Estado-Maior do Exército que, em breve, — estamos certas — o conseguirá colocar onde tem de ficar, como o simbolismo do grande Coração da Pátria sempre aberto para os seus heroicos filhos, sempre fechado numa saúde que não esquece jãmais os que a honram, mortos ou vivos que estejam, em qualquer parte de Mundo que se encontrem. Porque, já o proclamamos em tôdas as nossas propagandas e máximas patrióticas: «Onde vive e palpita um coração português, está Portugal» e até lá se deve estender a acção maternal da Pátria Lusíada. É necessário que nos lembremos sempre que foi pela incultura da nossa gente, que não soube acompanhar internamente a acção externa, que ainda hoje o mundo só vagamente conhece o que, a civilização europeia, à qual demos, pode bem dizer-se, o início do seu renascimento e que só agora se vai arrancando ao esquecimento dos velhos arquivos, num esforço individual e mal acompanhado, oficialmente, dos nossos eruditos e alguns dos nossos representantes diplomáticos.

Acompanhando a bela ideia do Leal da Câmara, que era cheia dum nobre orgulho nacional para o exterior, pensamos numa outra obra que, igualmente, poderia ter uma boa influência no continente — que devemos considerar o solar, a Capital do Império Lusíada — que era o Casal dos Órfãos da Guerra. Para esta obra tivemos muitas adesões e possibilidades, mas não que chegassem para a sua realização porque, igualmente, lhe faltou o auxílio oficial e o amor criador do grande público. Esta iniciativa consistia na construção de pequenos casais, «simples e artísticos» dados em usufruto inalienável aos órfãos de Guerra, de modo a dar um padrão de novas construções higiénicas para a renovação das nossas miseráveis aldeias, onde mal vive uma população que só tem de bom o que a natureza lhe dá, e tanto vale, moral e materialmente, na vida interna como no deslocamento para melhores condições sociais. Não podemos realizar o nosso sonho, mas a ideia ficou simplificada pelo trabalho feito.

Impossibilizadas de ver largamente posto em realidade o nosso plano, instituimos os dotes às nossas «órfãs de guerra», aproveitando a obra criada pelo «Crédito Predial» sob a forma de rendas vitalícias,

R E A L I Z A Ç Õ E S E P O S S I B I L I D A D E S

pagando, mensalmente, as amortizações e resgatando as cadernetas que podemos resgatar conforme as possibilidades económicas, as quais irão sendo entregues às suas donas, à proporção que vão atingindo a maioridade.

Obedecendo ao plano de aproveitamento das energias latentes e pensando, não no presente sempre angustioso, não no passado sempre inútilmente saudável, mas no futuro de grandeza que sonhamos para a Nação — que deve ter o seu grande momento na realidade dum novo período de civilização lusíada, ligada a todos os núcleos de raça e língua portuguesa — nós pensamos em valorizar o trabalho e esforço inteligente das mulheres da nossa terra criando ou desenvolvendo as pequenas indústrias regionais, que tanto auxiliam o esforço conjunto dos povos.

Nêsse sentido tivemos uma Escola Profissional em Lisboa, uma Casa de Trabalho feminina, uma pequena Escola de Rendas em Farminhão, perto de Viseu, onde tradicionalmente existia a indústria de rendas de bilros, como tomámos a peito a propaganda das Escolas Agrícolas Femininas, de que ficou a «Escola Agrícola Feminina» de Alcobaça à qual demos muito do nosso trabalho e apoio moral bem aceite pelos Governos de então, que ao seu principal iniciador e tão inteligente como apaixonado patriota e saudável amigo Vieira Natividade deve a sua existência, não deixando de prestar ao ressurgimento da sericultura a nossa propaganda, que se mantém e manterá firme pela justificada convicção de que é uma riqueza para o povo rural, que tanto necessita de ser encaminhado para uma consciente valorização de todos os seus braços grandes e pequenos, fracos e fortes, velhos e novos. Nesta ordem de ideias, na quinta do Instituto Escolar de Arroios da C. M. P., onde, actualmente, temos uma interessante obra de instrução dedicada, principalmente, aos filhos dos soldados e a outras crianças que possam aproveitar da localização, com curso diurno para as crianças e nocturno para os adultos — realizamos a plantação de 80 amoreiras oferecidas pelo Estado dos viveiros de Mirandela, que daqui a cinco anos darão aso à fundação de uma sirgaria escolar modelo. Esta obra de disciplina social está bem entregue ao nosso muito distinto delegado sr. tenente-coronel Tibúrcio Teixeira, combatente da Grande Guerra, o qual, bem identificado com o pensamento C. M. P., tem sido um dos nossos melhores auxiliares. Não querendo nunca abandonar a assistência sanitária, que nos uniu com independência à «Cruz Vermelha» Universal por decreto 2493 de 3 de Julho de 1916, mantemos na nossa séde um consultório a cargo da distinta médica especialista em ginástica respiratória, Dr.^a Palmira Lindo, que presta o melhor serviço na nossa obra infantil localizada no Instituto de Arroios.



S E M A N A D A J U N T A P A T R I Ó T I C A

Pela administração esculpida do que a nossa propaganda de guerra e após-guerra nos trouxe — que sem vaidade nos parece que deve ser considerada uma prova do que vale o trabalho e o senso prático feminino, quando chamado por valores individuais bem provados à administração pública — conseguimos a posse da nossa sede, que é uma riqueza, considerada mais sob o aspecto moral do que material a-pesar dêste ser grande. Sem ela não poderíamos ter aberto as portas à grande instituição de após-guerra, que é a «Liga dos Combatentes da Grande Guerra», que empurrada por todos os que mais dever tinham de auxiliar e valorizar o seu patriótico esforço, espontaneamente dado à Nação, secundando na Paz o sacrifício da Guerra, teria talvez de morrer ou vegetar miseravelmente em repartições de empréstimo ou reunir junto da estátua de D. José e do medalhão do imortal administrador da Nação, que foi o Marquês de Pombal, como, numa ironia amarga, disse o então presidente, coronel Jerónimo Osório de Castro ao pedir o nosso auxílio e solidariedade, de também combatentes da guerra, a-dentro do País.

E nós tivemos a alegria compensadora e também o justificado orgulho, que mantemos como uma das nossas mais úteis realizações, de termos podido receber na nossa casa com o carinho e o entusiasmo duma verdadeira irmandade de sangue e de ideal os «Combatentes da Grande Guerra» para auxiliar e valorizar os quais a nossa agremiação nasceu. Graças a êsse novo valor real temos hoje a satisfação de ver a «Liga dos Combatentes da G. G.» instalada de forma a não ser uma vergonha nacional, quando em contacto com os seus colegas do estrangeiro.

Previendo a valorização do nosso futuro colonial, igualmente temos a satisfação de poder dar uma sede provisória à «União Portuguesa do Ultramar», destinada a ser no nosso País uma força disciplinada e expansiva, ligando a si o trabalho inteligente das senhoras coloniais numa organização auxiliar, como existe, por exemplo, na Bélgica, oficialmente aceite e aproveitada com o equilíbrio e o senso na administração pública dêsse pequeno País, que à força de trabalho tem conseguido ser uma Nação, e uma Nação colonial, em pouco mais de meio século e sem nenhum esforço de expansão, descobrimento e colonização de sacrifício.

Tendo dado sempre a nossa solidariedade a tôdas as iniciativas de afirmação patriótica acorremos a contribuir com livros para a «Escola Portuguesa» de Calais, tendo a satisfação de receber o mais caloroso agradecimento dêsse núcleo de portugueses que se manifestou gentilmente convidando a C. M. P. para Madrinha da Escola. Aceitando com entusiasmo tôdas as obras que auxiliem e secundem o nosso esforço social, como a valiosa Associação que é a «Junta Patriótica do Norte» cuja admirável iniciativa aqui nos chamou para a realização da obra que o País

R E A L I Z A Ç Õ E S E P O S S I B I L I D A D E S

de todos nós espera; a comissão dos Padrões da Grande Guerra realizadora de uma obra de reconhecimento sentimental aos heróis da luta heroica, que muito representará na educação cívica do futuro, aqui nobremente representada; como a Fraternidade Militar que não deixou de mandar o seu digno representante, que muito nos dirá com a competência que tem do que essa obra é e do que poderá ser para o futuro, se fôr utilizada, como deve ser, no sentido do mutualismo sincero e inteligente de que a nação carece. Todos federados e ligados à obra internacional da *Fidac* para a harmonia da acção social de a-pós guerra, a que há muito demos a nossa adesão moral, tenho a certeza que uma grande acção vai resultar.

Agora que uma «*sombrinha*» de valorização política foi dada à mulher portuguesa, na concessão dum voto que aceitamos como uma galantaria, mas do qual nem sabemos que fazer porque não conduz a coisa alguma de prático, não nos concedendo o direito de dirigentes para o qual, individualmente, bastantes das nossas mulheres estão preparadas e dando a muitas outras, que não podem nem querem interessar-se na administração pública, um direito que não representa coisa alguma na massa anónima da Nação, achamos justo vir dizer aqui qual o trabalho realizado pela acção feminina da C. M. P. e quais as possibilidades que poderemos ainda realizar, se contarmos com o auxílio dos nossos irmãos em ideias, que sois vós todos os que hoje tivestes a generosa e linda ideia de nos chamar à grande consagração das obras patrióticas de a-pós guerra nesta federação da qual tanto nos é lícito esperar para o ressurgimento da Nação Portuguesa, esta gloriosa Nação à qual daremos todo o nosso esforço para que seja o que o passado nos prometeu, num futuro próximo.

Eis, meus senhores, o que em nome da C. M. P. me cumpria dizer, pedindo que me desculpeis o que devia ser um resumo breve resultou uma tão larga exposição, que tanto tempo roubou às vossas belas e acolhedoras festas.

Aceitando a vossa e dando-vos a nossa solidariedade leal, esperemos que um grande trabalho realizado possamos apresentar na mais próxima reunião.

* * *

Saudemos pois, a Junta Patriótica do Norte pela sua bela iniciativa em V. Ex.^a, seu digno Presidente e ilustre Professor snr. Dr. Alberto de Aguiar, que é a melhor garantia do triunfo da nossa causa tão justa. E em V. Ex.^a, snr.^a D. Filomena Nogueira de Oliveira, cujo interesse e carinhosa amizade é uma das nossas mais íntimas compensações da luta, saudamos o esforço feminino nesta realidade esplêndida que é a «Casa

S E M A N A D A J U N T A P A T R I Ó T I C A

dos Filhos dos Soldados» obra que tôdas as Senhoras Portuguesas devem adoptar como própria e tomar como modelo para a orientação educativa dos filhos do nosso povo tão cheio de qualidades e de intelligência. e secundar em todo o País, pois é a missão verdadeiramente útil da mulher no momento social da Nação:— dirigir moralmente, disciplinar serenamente, educar para o trabalho o futuro povo duma grande Pátria.

P O R

A N A D E C A S T R O O S Ó R I O

Presidente da Direcção da Cruzada das Mulheres Portuguesas. Escritora e publicista



MESA DA PRESIDÊNCIA NA SESSÃO DE 25-VI-1931.

